



ELA NÃO MORREU

Sophia pegou o telefone, que tocava uma musiquinha irritante; estava sozinha em casa e já era tarde, quem poderia estar ligando a essa hora? De mau humor, ela atendeu. Não havia ninguém. Só silêncio.

– Alô? – ela insistiu para ver se alguém respondia. Ninguém.

Jogou-se sobre a cama; se havia desligado, não era importante.

Demorou dois dias até o próximo telefonema. Ninguém de novo.

Uma semana depois, ele voltou a tocar.

– Alô? – Sophia perguntou; a pessoa não havia desligado, mas também não respondia. – Alô? – insistiu.

– Alô? – uma voz feminina respondeu do outro lado da linha; falava de modo macio, e, para Sophia, a voz não era estranha.

– Quer falar com quem? – perguntou, como de costume.

– Desculpe, acho que foi engano.

Só se o engano se repetia, porque, segundo o identificador de chamadas, o número que insistia em ligar era o mesmo. No dia seguinte, quando chegou a casa, havia uma mensagem na secretária eletrônica, deixou tocar.

– Oi! – era a mesma mulher. – Eu sei que a essa hora não tem ninguém em casa, talvez só por isso eu tenha tido coragem. Bom, Sophia, eu queria encontrar você... Eu sou sua mãe...

Mãe? Mas sua mãe havia morrido quando Sophia ainda era uma criança.

Ainda muito abalada com a recente descoberta, ela resolveu tirar satisfações com seu pai. Ele lhe disse que preferiu não contar a ela, pois a mãe os havia abandonado quando Sophia ainda era só um bebê. Ela não conseguia acreditar que seu pai havia escondido, mentido sobre algo tão importante para ela. Ela decidiu se encontrar com a mãe, mesmo seu pai sendo contra. Se sua mãe merecia ou não seu perdão, era ela quem iria decidir. A partir daquele momento, nada mais era certo. Um novo capítulo em sua vida.

Ana Lída Boing dos Santos
3º do Médio / Itajaí
2009